

COMO O PAUL BLOOM Por que gostamos do que gostamos PRAZER FUNCIONA

Tradução de
Bruno Moreira Casotti

1ª edição

BS
BestSeller

Rio de Janeiro | 2021

adquiridos pela Editora Best Seller Ltda.

Rua Argentina 171 - 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5712-076-7

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento ao leitor e vendas diretas:

sac@record.com.br.

Para meu pai, Bernie Bloom

Sumário

Prefácio

1. A essência do prazer
2. Gourmets
3. Enganos na cama
4. Insubstituível
5. Desempenho
6. Imaginação
7. Segurança e dor
8. Por que o prazer importa

Notas

Referências

Índice

Prefácio

Há um aspecto animal no prazer humano. Quando volto de uma corrida com minha cadela, desabo no sofá e ela, em sua cama. Bebo um copo de água gelada, ela lambe em sua tigela e ficamos muito mais felizes.

Este livro é sobre os prazeres mais misteriosos. Algumas adolescentes gostam de se cortar com lâmina de barbear; alguns homens pagam um bom dinheiro para serem espancados por prostitutas. O norte-americano médio passa mais de quatro horas por dia vendo televisão. Pensar em sexo com uma virgem é intensamente excitante para muitos homens. Arte abstrata pode ser vendida por milhões de dólares. Crianças pequenas gostam de brincar com amigos imaginários e podem ser confortadas por objetos transicionais. Pessoas reduzem a velocidade de seus carros para olhar acidentes sangrentos e vão ao cinema para ver filmes que as fazem chorar.

Alguns dos prazeres que discutirei são exclusivamente humanos, como arte, música, ficção, masoquismo e religião. Outros, como comida e sexo, não são, mas argumentarei que o prazer sentido pelos seres humanos com essas atividades é substancialmente diferente daquele de outras criaturas.

O principal argumento aqui é de que o prazer é profundo. O que mais importa não é o mundo apreendido pelos nossos sentidos. Em vez disso, o prazer que temos com algo deriva do que pensamos que esse algo é. Isso vale para prazeres intelectuais, como a apreciação de pinturas e histórias, e também para prazeres que parecem mais simples, como a satisfação da fome e do desejo sexual. Em uma pintura, importa quem é o artista; numa história, importa se é verdade ou ficção; num bife, nos importamos com o tipo de animal do qual ele provém; no sexo, somos fortemente afetados por quem pensamos que nosso parceiro sexual realmente é.

Essa teoria do prazer é uma extensão de uma das ideias mais interessantes das ciências cognitivas: a de que as pessoas supõem naturalmente que as coisas do mundo — incluindo as outras pessoas — têm essências invisíveis que as tornam o que são. Psicólogos experimentais argumentam que essa perspectiva essencialista é subjacente à nossa compreensão dos mundos físico e social, e psicólogos do desenvolvimento propõem que ela é instintiva e universal. Somos essencialistas por natureza.

No primeiro capítulo, apresento a teoria do essencialismo e argumento que ela pode ajudar a explicar os prazeres misteriosos do cotidiano. Os seis capítulos seguintes exploram domínios diferentes. Os capítulos 2 e 3 analisam a comida e o sexo. O capítulo 4 é sobre nosso apego a certos objetos corriqueiros. O capítulo 5 é sobre a arte e outras apresentações. Os capítulos 6 e 7 são sobre os prazeres da imaginação. Cada um desses capítulos pode ser lido de maneira independente. O capítulo final explora algumas implicações mais amplas e termina com algumas especulações sobre o apelo da ciência e da religião.

O plano ao longo deste livro é entender a natureza do prazer analisando a origem de seu desenvolvimento em indivíduos e sua origem evolutiva em nossa espécie. O estudo das origens é uma fonte de compreensão útil. Como na famosa explicação do biólogo D'Arcy Thompson: "Tudo é como é porque ficou desse jeito." Mas a própria referência à evolução no contexto da psicologia tende a erguer tanto bandeiras vermelhas quanto digressões, portanto alguns esclarecimentos podem ajudar.

Em primeiro lugar, *evolutivo* não significa "adaptativo". Muitos aspectos significativos da psicologia humana são adaptações — existem por causa das vantagens reprodutivas que deram aos nossos ancestrais — e discutimos alguns deles ao longo deste livro. Mas outros aspectos da mente são subprodutos; para usar um termo introduzido pelos biólogos evolutivos Stephen Jay Gould e Richard Lewontin, são *tímpanos*.¹ Este é particularmente o caso do prazer. Muitas pessoas gostam de pornografia, por exemplo, mas não há qualquer vantagem reprodutiva associada a passar dias e noites vendo fotos e vídeos de pessoas atraentes nuas. A atração da pornografia é um acidente: um subproduto de um interesse por pessoas nuas que foi desenvolvido. De modo semelhante, a história da profundidade do prazer é, em sua maior parte, penso eu, a história de um acidente.

Desenvolvemos o essencialismo para nos ajudar a dar sentido ao mundo, mas, agora que o temos, ele empurra nossos desejos em direções que nada têm a ver com sobrevivência e reprodução.

Evoluído também não significa “estúpido” ou “simples”. Recentemente, falei sobre os prazeres da ficção em uma palestra no departamento de língua inglesa, e um dos participantes se disse surpreso com minha abordagem. Ele revelou que não foi tão ruim quanto pensou que seria. Esperava que eu apresentasse uma história biológica ingênua e reducionista e ficou satisfeito por eu falar sobre o intenso interesse das pessoas pelos estados mentais do autor e sobre as ricas e complexas intuições subjacentes à nossa apreciação de histórias.

Foi bom fazer um professor de inglês feliz, mas também foi constrangedor. Eu pensei que *estava* apresentando uma história biológica ingênua e reducionista. Seu comentário me fez perceber que estou defendendo duas alegações que geralmente não andam juntas: primeiro, que o prazer diário é profundo e transcendente, e, segundo, que esse prazer diário reflete nossa natureza humana evoluída. Essas duas coisas parecem contraditórias. Se o prazer é profundo, você poderia raciocinar que tem que ser cultural e aprendido. Se o prazer evoluiu, então deve ser simples; devemos estar constituídos para responder a determinados estímulos de determinadas maneiras, de um modo perceptivo, de nível baixo e superficial — ou seja, estúpido.

Portanto, tenho consciência de que as alegações feitas neste livro — de que o prazer se baseia em intuições profundas, de que ele é inteligente e de que ele é evoluído, universal e em grande parte inato — são incomuns. Ainda assim, espero convencer você de que elas são verdadeiras. Também vou argumentar que elas realmente importam. Há sérias lacunas na moderna ciência da mente. O psicólogo Paul Rozin observa que, se você analisar um texto de psicologia, encontrará pouco ou nada sobre esportes, arte, música, teatro, literatura, brincadeiras e religião.² Essas coisas são fundamentais para o que nos torna humano, e não entenderemos nenhuma delas se não entendermos o prazer.

Todo mundo tem algo interessante a dizer sobre o prazer, e muitas ideias aqui presentes surgiram de discussões com a família, os amigos, estudantes, colegas e, de vez em quando, com um estranho no avião. Mas quero mencionar a influência de sete estudiosos que pensaram profundamente sobre essas questões: Denis Dutton, Susan Gelman,

Tamar Gendler, Bruce Hood, Geoffrey Miller, Steven Pinker e, especialmente, Paul Rozin. Eu discordo de cada um deles em certas considerações, mas grande parte deste livro é uma resposta às ideias deles, e estou feliz por ser capaz de reconhecer essa dívida intelectual.

Sou muito grato a minha agente, Katinka Matson. Bem no início do processo, ela me ajudou a perceber o que eu queria dizer neste livro e mais tarde me apoiou bastante quando precisei de ajuda ou quando estava tendo um ataque de ansiedade. Também agradeço a minha editora na Norton, Angela von der Lippe, por sua confiança neste projeto, por seus sábios conselhos e por seus comentários incríveis sobre uma versão anterior deste manuscrito. Sou grato a Carol Rose por seu copidesque preciso e hábil.

Não poderia haver comunidade de estudiosos melhor do que o departamento de psicologia de Yale, e agradeço a meus colegas, particularmente a meus alunos de pós-graduação e meus companheiros de pós-doutorado, por seu apoio e paciência enquanto eu escrevia este livro. Marcia Johnson chefiava o departamento durante esse período e merece um bocado de crédito por cultivar esse ambiente intelectual de apoio e estímulo.

Parte deste livro descreve experiências que conduzi com a colaboração de outros pesquisadores, incluindo Melissa Allen, Michelle Castaneda, Gil Diesendruck, Katherine Donnelly, Louisa Egan, Susan Gelman, Joshua Goodstein, Kiley Hamlin, Bruce Hood, Izzat Jarudi, Ute Leonards, Lori Markson, George Newman, Laurie Santos, David Sobel, Deena Skolnick Weisberg e Karen Wynn. Agradeço a todos eles.

Também agradeço àqueles que foram gentis o bastante para fazer sugestões, responder a perguntas ou ler passagens específicas: Woo-kyoung Ahn, Mahzarin Banaji, Benny Beit-Hallahmi, Walter Bilderback, Kelly Brownell, Emma Buchtel, Susan Carey, Emma Cohen, Lisa DeBruine, Rachel Denison, Denis Dutton, Brian Earp, Ray Fair, Deborah Fried, Susan Gelman, Daniel Gilbert, Jonathan Gilmore, Peter Gray, Melanie Green, Lily Guillot, Colin Jager, Frank Keil, Marcel Kinsbourne, Katherine Kinzler, Daniel Levin, Daniel Letivin, Ryan McKay, Geoffrey Miller, Kristina Olson, Karthik Panchanathan, David Pizarro, Murray Reiser, Laurie Santos, Sally Satel, Michael Schultz, Mark Sheskin, Marjorie Taylor, Ellen Winner, Charles Wysocki e Lisa Zunshine. Agradeço aos participantes de meu seminário sobre a ciência cognitiva do prazer por um envolvente

semestre de discussões e debates. Sou particularmente grato às bravas almas que fizeram comentários abrangentes sobre uma versão anterior deste livro: Bruce Hood, Gregory Murphy, Paul Rozin, Erica Stern, Angela von der Lippe e Deena Skolnick Weisberg. Estou certo de que lamentarei não aceitar todos os seus aconselhamentos.

Minha família — em Connecticut, Massachusetts, Ontário e Saskatchewan — tem sido uma contínua fonte de apoio. Meus filhos, Max e Zachary, são agora crescidos o bastante para oferecer interessantes dados para o desenvolvimento, mas o melhor é que eles se tornaram interlocutores inteligentes, perspicazes e divertidos, e eu me beneficieei de muitas discussões que tive com eles sobre as ideias deste livro. Minha maior dívida, como de hábito, é com minha colaboradora, parceira e esposa Karen Wynn. Agradeço a ela por todas as ideias, a assistência, o apoio e, sobretudo, o prazer.

1 • A essência do prazer

Hermann Göring, nomeado sucessor de Adolf Hitler, estava esperando para ser executado por crimes contra a humanidade quando soube do prazer que lhe fora roubado. Segundo uma testemunha, naquele momento, Göring parecia “ter percebido, pela primeira vez, que havia mal no mundo”.

Hermann Göring, nomeado sucessor de Adolf Hitler, estava esperando para ser executado por crimes contra a humanidade quando soube do prazer que lhe fora roubado. Segundo uma testemunha, naquele momento, Göring parecia “ter percebido, pela primeira vez, que havia mal no mundo”.

Esse mal foi perpetrado pelo pintor e colecionador de arte holandês Han van Meegeren.¹ Durante a Segunda Guerra Mundial, Göring deu a Van Meegeren 137 pinturas, num valor total que hoje estaria em torno de US\$ 10 milhões. O que ele obteve em troca foi *Cristo e a mulher adúltera*, de Johannes Vermeer. Assim como seu chefe, Göring era um colecionador de arte obsessivo e já saqueara grande parte da Europa. Mas era um grande fã de Vermeer, e esta era a aquisição da qual mais se orgulhava.

Depois do fim da guerra, as forças aliadas encontraram a pintura e descobriram de quem ele a adquirira. Van Meegeren foi preso e acusado pelo crime de vender essa grande obra-prima holandesa a um nazista. Isso era traição, punível com a morte.

Depois de seis semanas na prisão, Van Meegeren confessou — mas um outro crime. Ele disse que vendera a Göring uma falsificação. Não

era um Vermeer. Ele próprio a pintara. Van Meegeren disse que também reproduzira outras obras que pensavam ser de autoria de Vermeer, incluindo *A ceia em Emaús*, uma das pinturas mais famosas da Holanda.

De início, ninguém acreditou nele. Para provar o que dizia, foi solicitado que ele produzisse outro “Vermeer”. Durante seis semanas, Van Meegeren — cercado de repórteres, fotógrafos e equipes de televisão, e sob efeito de álcool e morfina (a única maneira como ele conseguia trabalhar) — fez exatamente isso. Conforme um tabloide holandês explicou: “ELE PINTA POR SUA VIDA!” O resultado foi uma criação semelhante a um Vermeer e que ele chamou de *O jovem Cristo ensinando no templo*, pintura obviamente superior àquela que vendera a Göring. Van Meegeren foi considerado culpado do crime menor de obter dinheiro por meio de fraude e condenado a um ano de prisão. Morreu antes de cumprir sua sentença e foi considerado um herói popular — o homem que enganara os nazistas.

Vamos retornar a Van Meegeren mais tarde neste livro, mas pense agora no pobre Göring e em como ele deve ter se sentido quando soube que sua pintura era uma falsificação. Göring era um homem incomum de muitas maneiras — quase comicamente obcecado por si mesmo, barbaramente indiferente ao sofrimento dos outros; foi descrito por um de seus entrevistadores como um psicopata amigável — mas não havia nada de estranho em seu choque. Você teria se sentido da mesma maneira. Parte disso é a humilhação de ser enganado. Mas, mesmo que não tivesse havido qualquer traição, e sim um erro inocente, a descoberta tiraria um certo prazer. Quando você compra uma pintura que pensa ser um Vermeer, parte da alegria que isso dá se baseia na crença sobre quem a pintou. Se essa crença se revela errada, esse prazer desaparece. (Inversamente — e casos assim têm ocorrido —, se você descobrir que uma pintura que pensava ser uma cópia ou imitação é na verdade um original, isso lhe dará mais prazer, e o valor da obra aumentará.)

Isso não ocorre só com a arte. O prazer que temos com todo tipo de objeto corriqueiro está relacionado às nossas crenças em suas histórias. Pense nos seguintes itens:

- uma fitabulletsmétrica que pertenceu a John F. Kennedy (vendida em leilão por US\$ 48.875);

- os sapatos jogados contra George W. Bush por um jornalista iraquiano em 2008 (pelos quais um milionário saudita ofereceu, segundo relatos, US\$ 10 milhões);
- outro objeto jogado, a bola de beisebol do septuagésimo *home run* de Mark McGwire (comprada por US\$ 3 milhões pelo empreendedor canadense Todd McFarlane, que possui uma das melhores coleções de bolas de beisebol famosas);
- um autógrafo de Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua;
- retalhos do vestido de casamento da princesa Diana;
- seu primeiro sapato de bebê;
- sua aliança de casamento;
- o ursinho de pelúcia de uma criança.

Tudo isso vale mais do que sua utilidade prática. Nem todos são colecionadores, mas todo mundo que conheço tem pelo menos um objeto considerado especial por sua história, seja por sua relação com pessoas admiradas ou acontecimentos significativos ou por sua ligação com alguém de significado pessoal. Essa história é invisível e intangível e, na maioria dos casos, não há teste capaz de distinguir o objeto especial de outro que pareça igual. Mas, ainda assim, ele nos dá prazer e a duplicata nos deixaria frios. Esse é o tipo de mistério de que este livro trata.

PRAZERES ANIMAIS, PRAZERES HUMANOS

Alguns prazeres são mais fáceis de explicar do que outros. Considere a questão de por que gostamos de beber água. Por que há tanto prazer em matar a sede e por que é uma tortura privar alguém de água por um longo período? Bem, essa é fácil. Os animais precisam de água para sobreviver, então são motivados a buscá-la. O prazer é a recompensa por obtê-la; a dor é a punição por ficar sem.

Essa resposta é simples e correta, mas levanta outra questão: por que as coisas se resolvem tão bem? É terrivelmente conveniente que,

deturpando a letra dos Rolling Stones, nem sempre possamos ter o que queremos — mas queremos o que precisamos. É claro que ninguém pensa que isso é uma sorte casual. Um teísta argumentaria que essa ligação entre o prazer e a sobrevivência é determinada pela intervenção divina: Deus quis que Suas criaturas vivessem o bastante para crescer e multiplicar, então incutiu nelas o desejo de água. Para um darwinista, essa combinação é produto da seleção natural. Em um passado distante, as criaturas que eram motivadas a buscar água se reproduziram mais do que aquelas que não eram.

De maneira mais geral, uma perspectiva evolutiva — que acredito ter vantagens consideráveis sobre o teísmo ao explicar como a mente funciona — vê a função do prazer como motivar certos comportamentos que são bons para os genes. Como o psicólogo comparativo Georges Romanes observou em 1884:² “O prazer e a dor devem ter evoluído como o acompanhamento subjetivo de processos que são respectivamente benéficos ou nocivos ao organismo e, portanto, evoluíram para o propósito ou a finalidade de que o organismo devia buscar um e evitar o outro.”

A maioria dos prazeres não humanos faz todo o sentido sob essa perspectiva. Quando você está treinando seu animal de estimação, não o recompensa lendo poesia ou levando-o à ópera; você lhe dá prêmios darwinianos, como petiscos saborosos. Animais não humanos gostam de comida, água e sexo; querem descansar quando estão cansados; são acalmados pelo afeto, e por aí em diante. Gostam do que a biologia evolutiva diz que devem gostar.

E nós? Os humanos são animais e, portanto, têm muitos prazeres em comum com outras espécies. O psicólogo Steven Pinker observa que as pessoas são mais felizes quando “saudáveis, bem-alimentadas, confortáveis, seguras, prósperas, bem-informadas, respeitadas, não celibatárias e amadas”.³ Há um bocado de prazer embutido nessa citação, e não duvido nem um pouco que isso se explica pelo mesmo processo que moldou os desejos de animais como chimpanzés, cachorros e ratos. É adaptativamente benéfico buscar saúde, comida, conforto e assim por diante e obter prazer alcançando esses objetivos. Como explica o antropólogo Robert Ardrey, “nascemos de macacos erguidos, e não de anjos caídos”.⁴

Mas essa lista está incompleta. Deixa de fora a arte, a música, as histórias, os objetos sentimentais e as religiões. Talvez estes não sejam